

Programa Ações Afirmativas: a Permanência Bem Sucedida de Alunos/as Negros/as na UFMG

Área Temática de Direitos Humanos

Resumo

A partir do final dos anos 90, algumas iniciativas de ações afirmativas voltadas para o povo negro começam surgir na universidade brasileira. É nesse contexto que se insere o projeto de extensão intitulado Ações Afirmativas na UFMG. Este projeto, iniciado em agosto de 2002, tem por objetivo criar e implementar uma política de ação afirmativa destinada a jovens negros/as, sobretudo de baixa renda, regularmente matriculados/as nos cursos de graduação da UFMG. Visa também oferecer-lhes instrumental que possibilite a permanência bem sucedida na universidade, a entrada na pós-graduação e, simultaneamente, a ampliação da compreensão da questão racial na sociedade brasileira. Para alcançar tais objetivos o trabalho é desenvolvido a partir de uma proposta pedagógica que envolve cursos, debates, seminários, participação em projetos de extensão voltados para a temática racial, de um modo geral e, para a discussão sobre ações afirmativas, em específico. Devido aos seus muitos desdobramentos, o projeto Ações Afirmativas na UFMG, foi transformado em Programa de Extensão. Atualmente este é composto pelos seguintes projetos Identidades e Corporeidades Negras-Oficinas Culturais, PAD e PAIE. O programa encontra-se em andamento e podemos verificar por meio das suas ações o crescimento acadêmico e o fortalecimento da identidade negra dos alunos/as envolvidos/as.

Autoras

Nilma Lino Gomes, coordenadora do programa

Fernanda Silva de Oliveira, graduanda em Pedagogia, bolsista de Extensão

Shirley Pereira Raimundo, graduanda em Pedagogia, bolsista de Extensão

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Palavras-chave: ações afirmativas; ensino superior; identidade negra

Introdução e objetivo

O debate acerca das ações afirmativas no Brasil, nos últimos anos, teve como marco principal a realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, ocorrida em Durban, África do Sul, em agosto e setembro de 2001. Nesta, o governo brasileiro, pressionado pela ação política do Movimento Negro e de representantes de diversos países africanos, comprometeu-se internacionalmente com a luta contra a discriminação racial. Assim, após a conferência em Durban, as demandas vindas do Movimento Negro por políticas de ações afirmativas começaram a ocupar mais espaço na mídia, na arena política e a desencadear práticas alternativas, sobretudo, na educação básica e superior.

Algumas dessas demandas históricas do Movimento Negro, assim, como a denúncia do alarmante quadro de discriminação racial em nosso país, foram confirmadas pelo Ipea –

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão no ano de 2001). Esta apresentou dados sobre a relação entre desigualdades raciais e as condições de vida da população brasileira na década de 90. Os dados dessa pesquisa atestam que a atual situação educacional dos negros brasileiros, principalmente no ensino superior é evidenciada pela exclusão e abandono. A constatação de que apenas uma parcela de 2% dos negros chega aos cursos superiores tem apontado para a necessidade de projetos diretamente voltados para esse nível de ensino, no sentido de reverter de maneira positiva não só a situação de entrada do/a jovem negro/a, mas, também, a sua permanência na universidade. O direito à educação, tão caro aos movimentos sociais e na trajetória do povo negro no Brasil, se destaca como uma das principais reivindicações das ações afirmativas.

A constatação dessa dinâmica de exclusão e abandono tem levado o movimento negro e demais interessados na temática racial no Brasil, a pleitear uma política semelhante a dos Estados Unidos de correção das desigualdades, que opera mediante mecanismos de discriminação racial. No entanto, nem sempre os movimentos sociais conseguem interferir nas políticas internas das universidades. Dessa forma, faz-se necessária a existência de iniciativas pautadas nesta mesma direção, dentro das universidades, a fim de dar continuidade ao projeto iniciado pelos movimentos sociais. O posicionamento das universidades, principalmente as públicas, diante de tal iniciativa implica na co-responsabilidade do Estado, junto com a sociedade civil organizada, na adoção de práticas corretivas da desigualdade racial e social.

Entretanto, em uma sociedade pautada no mito da democracia racial, as propostas de ações afirmativas atualmente existentes, têm sofrido algumas interpretações distorcidas, isto é, são reduzidas às cotas para negros na universidade. Portanto, é necessário que a sociedade brasileira tenha conhecimento do real significado dessas ações. Segundo Gomes (2003), as ações afirmativas podem ser compreendidas como um conjunto de políticas, ações e orientações públicas ou privadas, de cunho compulsório, facultativo ou voluntário que tem como objetivo corrigir as desigualdades historicamente impostas a determinados grupos sociais e/ou étnico/raciais com um histórico comprovado de discriminação e exclusão. Elas possuem um caráter emergencial e transitório, pois sua continuidade dependerá sempre de avaliação constante e da comprovada mudança do quadro de discriminação que as originou.

A difícil situação econômica, social, política e educacional dos negros e mestiços descendentes de africanos, tem sido denunciada pelo movimento negro, intelectuais, políticos, organizações da sociedade civil e de profissionais comprometidos com a construção de uma sociedade democrática e igualitária. É nesse contexto que surge o projeto de Extensão Ação Afirmativa na UFMG. Trata-se de um dos 27 aprovados no Concurso Nacional Cor no Ensino Superior, promovido pelo Programa Políticas da Cor, do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, com apoio da Fundação Ford no ano de 2001.

Dados os efeitos antidemocráticos dos processos de seleção e exclusão social impostos aos afro-brasileiros, este projeto tem como objetivos: a construção de estratégias de intervenção com vistas a reduzir os ditos efeitos e a promover a permanência bem sucedida de estudantes negros/as e pobres nos diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais; a entrada na pós-graduação e a ampliação da compreensão da questão racial na sociedade brasileira, a partir de uma proposta pedagógica voltada para valorização da cultura negra.

Metodologia

O projeto se estrutura a partir de duas linhas de ação. A primeira envolve atividades para apoiar os estudantes beneficiários do projeto do ponto de vista acadêmico. A segunda volta-se para o desenvolvimento de sua identidade étnico/racial, a partir de debates, no interior da universidade, acerca da questão racial na sociedade brasileira. Os alunos e as alunas integrantes do Projeto são selecionados por meio de uma entrevista, realizada pela coordenação, junto com dois professores/as da equipe, baseada nos seguintes critérios: ser negro/a e se identificar como tal mediante ficha de inscrição e entrevista; estar regularmente matriculado na universidade tanto no curso diurno quanto noturno; apresentar condições para se envolver nas ações previstas pelo projeto.

Resultados e discussão

As atividades do Projeto começaram em agosto de 2002 com o Seminário Nacional “Ações Afirmativas na UFMG: o acesso e a permanência da população negra no ensino superior”, realizado na FAE/UFMG. Este teve a participação de várias instituições que estavam discutindo ou implantando as ações afirmativas. O seminário foi organizado em três turnos, no qual cada mesa foi orientada para a discussão de um tema. Na primeira mesa, houve apresentação do projeto. Em seguida o professor Kabengele Munanga, da USP, discutiu alguns aspectos da política de ação afirmativa. Na segunda mesa, ocorreu a apresentação das experiências realizadas pela PUC/Minas e pela ONG paulista Gelédes. E a última mesa, contou com a participação da reitora da UERJ, Nilcéa Freire, o professor José Jorge de Carvalho, da UnB e Delcele Mascarenhas Queiroz, da UFBA, que promoveram um polêmico debate sobre o sistema de cotas para negros.

Logo após este seminário, foram abertas três turmas do curso gratuito de “Leitura e produção de Textos Acadêmicos”, cujo objetivo foi promover condições de produção da leitura e da escrita de textos acadêmicos e/ou científicos: discurso, texto e argumentação. Gêneros do discurso acadêmico, os gêneros escritos e suas configurações formais e semânticas: resumo, resenha, artigo, monografia, projeto de pesquisa, dissertação e tese. Em seguidas ocorreram duas turmas do curso de Informática em parceria com a Faculdade de Letras da UFMG. Este teve aulas teóricas e práticas, numa introdução aos seguintes temas: Microsoft Windows, internet, editores de texto, planilha de cálculos (MS Excel), iniciação de apresentação de multimídia (MS Power Point).

Nos meses de fevereiro e março de 2003, o projeto realizou uma oficina intitulada “Identidades Negras”. Nesta por meio de atividades voltadas para o desenvolvimento da identidade étnico/racial dos/as alunos/as, não se utilizou textos teóricos, como em cursos convencionais, mas interrogou a história pessoal de cada um dos integrantes desta oficina. Dessa forma, esta aumentou o grau de consciência do grupo acerca da construção cotidiana de identidades negras, auto-imagem e auto-estima.

No mês de abril de 2003, o projeto iniciou o ciclo de debates com a temática “Polêmica da raça: o olhar da sociologia e da biologia” com a presença dos professores Valter Roberto Silvério da UFSCar e Sérgio Danilo Pena do ICB/UFMG. Pela primeira vez, na história da UFMG, um debate desse porte foi realizado com a participação do movimento negro, da comunidade acadêmica e geral. Outro debate que integrou este ciclo foi: “Cultura Negra e Contemporaneidade”, ministrado por Ricardo Aleixo (poeta, músico e curador do Festival de Arte Negra). Neste discutiu-se sobre a Cultura Negra e suas relações

identitárias (ou não) com as matrizes africanas, a importância do Festival de Arte Negra dentro do contexto sócio-político-cultural de Belo Horizonte.

O Projeto firmou uma parceria com a FUMP - Fundação Universitária Mendes Pimentel no mês junho de 2003. Trata-se da concessão de três bolsas sócio-educacionais para alunos/as beneficiários/as pelo projeto. Estes/as alunos/as trabalham nas atividades cotidianas do Ações Afirmativas tais como: elaboração de Home Page e folder, organização de publicação, indicação de bibliografia, apoio à coordenação e aos professores que ministram os cursos, entre outras. Estes/as também desenvolvem algumas atividades junto aos alunos/as assistidos/as pela FUMP, de qualquer pertencimento étnico/racial, discutindo a questão do negro. As atividades a serem desenvolvidas pelos/as bolsistas/as sócio-educacionais serão: mostra de filmes sobre a questão racial, seminários e acompanhamento dos alunos atendidos pelo Projeto que evadiram os cursos (dentre os quais encontram-se vários/as alunos/as beneficiários/as da FUMP). Em outubro de 2003, alguns/as integrantes do projeto participaram da 26ª Reunião da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) no Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Educação no qual discutiram-se questões atuais sobre a temática racial e suas implicações no contexto nacional e internacional.

Em novembro/2003, concretizaram-se mais quatro atividades:

A primeira foi a conclusão de duas turmas do Curso de Elaboração de Projetos de Pesquisa, que trata de uma discussão introdutória sobre os processos de construção da pesquisa em seus aspectos teórico-metodológicos. O curso proporcionou aos participantes, a possibilidade de preparar um pré-projeto de pesquisa ou de monografia e ainda teve como foco privilegiado de trabalho, a elaboração de pesquisa.

A segunda foi a realização da oficina de Contos Africanos por algumas integrantes do projeto dentro do evento promovido pelo CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita/FaE/UFGM): DEMOCRATIZANDO A LEITURA - O JOGO DO LIVRO V. A terceira atividade foi a participação no III Seminário Nacional – Relações Raciais: Saberes, Políticas e Perspectivas (UFF/Niterói-RJ), com apresentação de pôsteres sobre o Projeto e seus desdobramentos. E, por fim, a promoção do Encontro de Trabalho: “Ações Afirmativas na universidade e na área cultural” no qual a Profª Nilma Lino Gomes, coordenadora do projeto e convidados relataram suas experiências no desenvolvimento de projetos de ações afirmativas, durante o 2º Festival de Arte Negra em Belo Horizonte. Ainda neste mês o projeto distribuiu um kit de livros que abordam a questão étnico-racial para os/as aluno/as participantes deste. Sendo assim, percebe-se que o projeto vem cumprindo uns dos seus objetivos, ou seja, a construção de uma identidade negra positiva e a valorização da cultura.

Em dezembro de 2003, o projeto encerrou suas atividade com a participação de um grupo de alunos/as deste, no Seminário Regional Universidade e Ação Afirmativa no Coração do Brasil, promovido pelo PPCOR (Programa Políticas da Cor) e pelo Projeto Passagem do Meio (UFG). Este teve como objetivo o relato das experiências dos cinco projetos integrantes do PPCOR, dos estados: Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Devido aos seus muitos desdobramentos, o projeto Ações Afirmativas na UFGM, foi transformado em Programa de Extensão. No ano de 2004, o Programa retomou suas atividades promovendo no mês de abril, na Faculdade de Educação, o 3º Ciclo de Debate com o professor, advogado e presidente da Comissão dos Direitos Humanos da OAB-SP, Hédio Silva Júnior, cujo tema foi DIREITO À EDUCAÇÃO E AÇÕES AFIRMATIVAS.

Neste o palestrante esboçou um panorama histórico da aplicação das políticas de ações afirmativas na sociedade brasileira e nos EUA. Ele apresentou também argumentos jurídicos que legitimam estas políticas, destacando a importância destas na reversão do quadro atual de exclusão racial. Ainda neste mês tivemos a participação dos bolsistas do Programa Ações Afirmativas na UFMG no Fórum Mundial da Educação em São Paulo, com apresentação de pôsteres relacionados à temática específica do projeto.

Além disso, estes participaram de palestras e grupos de discussões que lhes proporcionaram um grande enriquecimento acadêmico e pessoal. No mês de maio de 2004, aconteceu a aula inaugural do PAD-Programa de Aprimoramento Discente "O CONTATO COM A ALTERIDADE: AS TEORIAS RACIAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA", durante o 4.º Ciclo de Debates, com a palestra TEORIAS RACIAIS COMO TEORIAS DAS DIFERENÇAS, proferida pela professora e antropóloga da USP, Lilia K. Moritz Schwarcz. Nesta a professora fez um apanhado histórico sobre as relações raciais na sociedade brasileira, apontando os principais teóricos e suas implicações na conjuntura atual.

Contudo, todo o empenho ao fortalecimento acadêmico dos integrantes do projeto tem apresentado bons resultados como a aprovação de dois alunos no mestrado de Ciências Sociais/FAFICH/UFMG e FAE/USP. Portanto, o programa continua investindo na formação acadêmica dos/as alunos/as atendidos/as. Neste 1.º semestre de 2004 implementou dois cursos. O primeiro intitulado como Competência Informacional em Pesquisa, composto por duas turmas, sendo uma no turno da tarde e a outra à noite. Este curso tem como objetivo o estudo de metodologias, instrumentos e práticas aplicáveis à identificação, recuperação e tratamento da informação em situações de realização de pesquisas técnico-científicas. Já o curso denominado Relações Raciais na Sociedade Brasileira, composto por uma turma, tem a finalidade de realizar atividades voltadas "para o desenvolvimento da identidade étnico-racial" dos participantes, não a partir de textos teóricos, como em cursos convencionais, mas interrogando a história pessoal dos integrantes do grupo. Para tal, serão utilizadas técnicas vivenciais das experiências dos participantes, ou seja, estas serão analisadas através de sua discussão. Dessa maneira, serão indicadas leituras teóricas que apoiem as reflexões e os escritos decorrentes.

Produtos gerados

No início de 2004, o programa Ações Afirmativas na UFMG deixa de ser um projeto e passa a ser intitulado como programa, pois consegue a aprovação e implementação de dois projetos como o PAD- Programa de Aprimoramento Discente "O CONTATO COM A ALTERIDADE: AS TEORIAS RACIAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA", coordenado pela prof.^a Maria Aparecida Moura (ECI/UFMG), e PAIE - Programa de Apoio Integrado a Eventos, coordenado prof.^a Maria Cristina Soares Gouvêa (FAE/UFMG). O primeiro projeto, possibilitará os jovens graduandos da área das ciências humanas o estudo das produções dos autores representativos das principais teorias raciais formuladas no Brasil no final do século XIX até meados do século XX e o desenvolvimento de estratégias de produção textual em diversos gêneros, principalmente os gêneros acadêmicos. Este pretende ainda estimular a ampliação de uma competência informacional específica no campo das relações raciais que possibilite ao/a aluno/a construir habilidades na busca e uso da informação; produzir uma revista virtual de resenhas voltada para a graduação focalizando cada um dos autores estudados e, por fim, construir um grupo de estudos com alunos da graduação que trabalhe a produção científica sobre as relações raciais no Brasil, numa perspectiva interdisciplinar e interunidades.

O segundo visa à ampliação do debate em torno de novos modelos de acesso e permanência na universidade pública que superem as práticas de exclusão social e racial existentes no Brasil e a construção de um espaço efetivo de reflexão e esclarecimento da comunidade universitária sobre o caráter e a abrangência das políticas de ações afirmativas. Dessa forma, este possibilitará a troca de experiências entre alunos/as e professores/as e funcionários/as de diferentes pertencimentos étnico/raciais da UFMG, e por fim, fortalecerá o trabalho de pesquisa, ensino e extensão em relação à temática das relações étnico/raciais no Brasil.

Além destes projetos o programa tem um projeto de extensão denominado “Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais”. Neste trabalha-se com um público de trinta e cinco educadoras e educadores, negros (as) e brancos (as), das Redes Estadual e Municipal de Ensino de Belo Horizonte e do 2o ciclo da Escola de Ensino Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG. Este trabalha com oficinas que envolvem o aprofundamento sobre a questão racial por meio de diferentes gêneros do discurso literário, midiático e acadêmico, destacando as questões que envolvem a história e a trajetória de vida desses sujeitos. Este conta atualmente com a atuação de três bolsistas negros para a realização das suas atividades. Em abril de 2004, este projeto está sendo realizado no Centro Pedagógico da UFMG, dando continuidade ao trabalho desenvolvido com os professores da Rede Estadual e Municipal de Ensino juntamente com os desta escola.

Conclusões

Acreditamos que o programa Ações Afirmativas na UFMG, que se encontra em andamento, vem promovendo a construção de uma nova postura da universidade diante da desigualdade racial, imputada aos alunos e alunas negros; postura que expressa o abandono da tradicional posição de neutralidade e de mera espectadora por parte desta diante dos conflitos raciais, atuando de maneira ativa na busca da concretização da igualdade social e racial. Sabe-se que tal iniciativa não está isenta de desconfiança e de discordâncias. Contudo, não há como dissipá-las, senão colocando em prática experiências e projetos de ações afirmativas, passíveis de acompanhamento, avaliação e pesquisa, além da divulgação dos resultados para a comunidade universitária e sociedade. A inclusão de alunos negros como bolsistas nas diferentes ações do Projeto faz parte do objetivo de enriquecimento acadêmico e do fortalecimento da auto-estima dos mesmos por meio da realização de trabalhos acadêmicos e de projetos de intervenção. Uma das preocupações do Projeto é não criar uma “elite intelectual negra” desconectada do compromisso político com a comunidade negra e nem das suas origens étnico/raciais.

Nesse sentido, o contato com a militância política, com a rede pública de ensino e com outros alunos de baixo nível sócio-econômico, divulgando e socializando as ações afirmativas, são intenções presentes nas mais variadas propostas de formação desenvolvidas pelo Ações Afirmativas.

Sendo assim, achamos que a proposta aqui apresentada de criação de um percurso acadêmico, com condições positivas para alunos e alunas negras da graduação, poderá se configurar em um passo importante no processo de reversão de desigualdades raciais no ensino superior. Ela poderá cobrir uma lacuna existente na UFMG, a saber, a inexistência do debate e de ações em prol da correção de desigualdades raciais comprovadas pelas pesquisas educacionais e pelos últimos dados do IPEA.

Atualmente o programa é composto pela seguinte equipe:

Professores (as): Prof^a Nilma Lino Gomes (coordenadora – FAE/UFMG), Prof^a Ana Maria Rabelo Gomes (FAE/UFMG), Prof^a Antônia Vitória Soares Aranha (FAE/UFMG), Prof^a Aracy Alves Martins (FAE/UFMG), Prof^a Elânia de Oliveira (Centro Pedagógico/UFMG), Prof^a Inês Assunção de Castro Teixeira (FaE/UFMG), Prof^o Juarez Tarcísio Dayrell (FAE/UFMG), Prof^o Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (FaE/UFMG), Prof^a Maria Aparecida Moura (ECI/UFMG), Prof^a Maria Cristina Soares de Gouvêa (FaE/UFMG), Prof^o Rildo Cosson (Câmara dos Deputados – CEFOR).

Bolsistas Sócio-educacionais: Fernanda Silva de Oliveira (FAE/UFMG), Gláucia Valverde Caetano (FAFICH/UFMG), Shirley Pereira Raimundo (FAE/UFMG).

Extensão Identidades e Corporeidades Negras: Cynthia Adriádne Santos (FAE/UFMG), Natalino Neves da Silva (FAE/UFMG), Shirley de Jesus Ferreira (ECI/UFMG).

PAD: Diogo Jorge da Silva Oliveira (IGC/UFMG), Elenice Brito (ECI/UFMG), Josemeire Alves Pereira (FAFICH/UFMG), Tiago Gualberto Moraes (Belas Artes/UFMG).

Referências bibliográficas

GOMES, Joaquim B. Barbosa. Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade. Rio de Janeiro/São Paulo: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino. A experiência de dois projetos voltados para a juventude negra. Brasília: INEP, 2003.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

Projeto Ações Afirmativas na UFMG. Belo Horizonte: 2002 (mimeogr.).

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate do racismo institucional no Brasil. In: Cadernos de Pesquisa, n.117, nov.2002, p.219-246.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.